

# 'Regulative Idea'. Um encontro de multiculturalidade

 [contacto.lu/cultura/regulative-idea.-um-encontro-de-multiculturalidade/2144707.html](http://contacto.lu/cultura/regulative-idea.-um-encontro-de-multiculturalidade/2144707.html)

## Exposição

O português Martim Brion expõe obras surpreendentes no Luxemburgo. Uma exposição para descobrir no Centro Cultural Camões, até ao dia 12 de Outubro.



© Créditos: Pedro cunha

Nasce-se artista? Aprende-se a ser artista? Herda-se esta competência? Ou simplesmente acontece? Não há fórmulas, nem caminhos definidos para se chegar ao estatuto de criador de obras de arte. Martim Brion é um exemplo de como os caminhos para se chegar à criação artística podem ser diferentes. “Nunca estudei artes”, revela. Filho de artistas, Martim começou por estudar política e gestão de empresas. Depois trabalhou em consultoria financeira e “lentamente fui voltando às artes”.

“Os meus pais eram ambos artistas e por isso acho que nunca quis ter nada que ver com as artes quando era mais novo, porque já estava farto de tantas exposições e inaugurações”, confessa. Mas progressivamente foi voltando à base. Neste regresso às suas origens, começou por fazer um curso de Art & Business na Sotheby’s onde estudou história de arte e o mercado da arte. “Lentamente fui começando a fazer o meu próprio trabalho. Comecei a trabalhar com outros artistas primeiros na organização de exposições e depois fui começando a fazer exposições, aqui e ali”, enuncia.

© Créditos: Pedro Cunha

Neste momento vive na Alemanha, em Munique, para onde foi para se juntar a sua mulher.

Recorda uma conversa em que um gestor de investimentos em Londres que lhe fez uma pergunta que acabou por ser decisiva. “Gostas de estar aqui e eras capaz de estar aqui o dia todo?” Martim Brion não hesitou em responder : “Não!” E foi talvez nesse momento que começou a esboçar-se a sua mudança de vida. Tudo aconteceu quando tinha 28 anos. E começou a expor o seu trabalho com 30 anos no espaço dos Artistas Unidos em Lisboa no Teatro Politécnica.

Hoje recorre a várias técnicas nas suas obras. “Comecei pela fotografia que é mais imediata, fazia um diário ilustrado do que vejo. Já a escultura vem de uma parte mais pensada, porque demora mais tempo a amadurecer a peça”, descreve. Há três anos começou a experimentar uma nova técnica, através da impressão. O resultado são pequenas peças a que deu o nome de “Process Description Series”. “Tenho andado a experimentar novas matérias e novas técnicas”, revela.

Pode ver o seu mais recente trabalho aqui no Luxemburgo, no Centro Cultural português camões na exposição “Regulative Idea” que estará patente até 12 de outubro.

© Créditos: Pedro Cunha

O que poderá ver? “Uma série de fotografias, trabalhos em papel e uma escultura, numa mistura de várias séries de obras”, responde Martim Brion.

Já o título da exposição surge “da ideia de uma hipótese não comprovada de como nós com diferentes contextos culturais como é que nos entendemos”, explica. “Muitas vezes parece que nos entendemos de uma forma superficial, porque depois surgem vários equívocos com a língua”, descreve. E exemplifica “Por vezes estamos a falar português do Brasil e de Portugal e parece que nos entendemos, mas muitas vezes não estamos a perceber bem porque não temos as mesmas referências culturais”, diz. Um fenómeno que ganha peso na Europa “porque as cidades são cada vez mais multiculturais, o que dá muito riqueza à sociedade, mas cria também mais conflito e fricção, sendo um tema premente da nossa sociedade, e o Luxemburgo é um bom exemplo desse fenómeno”, afirma.

Na sua família vive esta experiência todos os dias. “As minhas duas filhas falam mais alemão que português, falando uma língua diferente da minha que também não domino a 100%. Um lado interessante e que cria a necessidade de estar sempre a trabalhar na assimilação e compreensão do próximo”, explica

Um interesse que surge também do seu percurso como migrante.

## O que fazer

---

Enquanto decorre a entrevista descubro um catálogo de uma antiga exposição a que deu o nome “O que fazer”. Neste caso era ligada a “essa ideia do que é que a pessoa faz como artista, o que faço a seguir”, explica. Quando lhe pergunto o que vai fazer a seguir?, responde “Não sei...”

A sua última experiência são “umas esculturas pequeninas impressas em 3D em plástico, depois de trabalhadas em computador”. O azul é uma cor recorrente na sua obra.

© Créditos: Pedro Cunha

E onde vai estar daqui a cinco anos? “Provavelmente em Munique porque vou ter a terceira filha em breve. Sempre a continuar neste caminho artístico. Porque não me vejo a fazer outra coisa...”